

# APRESENTAÇÃO

A Literatura Comparada – quer como resultado da comparação pontual de obras ou autores singulares, quer como tema de reflexão mais geral –, reúne os artigos que compõem a primeira seção do presente volume. Roberto Acízelo de Souza (UERJ), no artigo que abre a seção, faz uma provocação: não existe literatura comparada. Ou não existe uma concepção capaz de dar conta dos vários entendimentos que o termo sugere. O que há são estudos comparados que se situam entre as duas vertentes dos estudos literários: história literária e estudos culturais. Para defender tal posição, o autor pondera que há dois modelos de literatura comparada, e que cada um deles supõe a diluição da disciplina num outro campo. O primeiro modelo considera a literatura comparada como um desdobramento natural de um historicismo nacionalista que usa a comparação entre literaturas como forma de exaltar uma literatura nacional. O outro modelo, segundo o autor, resultou de uma insatisfação com o primeiro, e propõe um estudo da literatura, a partir de sua “literariedade”. Os limites de cada modelo, profundamente discutidos pelo autor, impediram que prosperassem e teve lugar uma proposta, implementada em muitos departamentos universitários de literatura comparada no mundo, que propõe um estudo comparativo do cânone, seu processo de formação, reconcepção, contestação e expansão. Entre o estudo do cânone – que engendrou toda a corrente dos estudos culturais – e o estudo da história literária, que nunca deixou de existir, encontramos a chamada literatura comparada, nome restrito para um campo muito vasto de conhecimento, com hibridismos e interfaces que interrogam a finalidade dos estudos literários.

Na sequência temos o artigo de Renata Philippov (UNIFESP) que compara as obras de Edgar Allan Poe e Machado de Assis, para verificar a possibilidade, bastante difundida, de Machado ter lido e subvertido os escritos de Poe para torná-los adequados ao seu próprio projeto literário de construção de uma identidade nacional. A autora mostra que, se ambos privilegiaram o conto como gênero literário capaz de desenhar indivíduos em crise em busca de identidade, publicando-os em jornais e periódicos, e se ambos buscaram construir um projeto literário de fundação de uma identidade nacional, os procedimentos literários dos dois autores foram divergentes.

Também José de Alencar vai buscar em escritor canônico – desta vez o poeta Ovídio, da tradição clássica – matéria prima para ficcionalizar sua herói(d)a em *Iracema: a lenda do Ceará*. Esta é a hipótese com que Maria Celeste Consolin Dezotti (UNESP-Araraquara) trabalha em seu artigo, mostrando que os manuais de

literatura se equivocam quando ensinam que o Romantismo rompe com os códigos da poética clássica.

Vagner Camilo (USP) vai estabelecer um estudo comparativo, dentro da obra romântica de Álvares de Azevedo, entre seus discursos e cartas e a obra artística. O autor revela o contraste entre a posição de defesa empenhada dos ideais liberais e democráticos do Segundo Reinado, presente em seus discursos e cartas, e a descrença absoluta quanto à viabilidade desses ideais, figurativizada em sua produção poético-ficcional. Essa atitude dúplice e seu fundamento histórico-político, segundo o autor, explicam a retomada, na obra de Álvares de Azevedo, tanto do mito fáustico (mito do individualismo moderno), quanto do mito adolescente associado à tópica clássica do *puer-senex* ou *adulescens-senilis*.

O artigo de Luciana Villas Boas (UFRJ) compara os poemas autorreflexivos “Quand vous serez bien vielle” de Pierre de Ronsard (1524-1585) e “When you are old and grey” de W. B. Yeats (1865-1939). Na comparação, a autora mostra que, tanto em um quanto em outro poema, o relato do encontro fictício entre a amada e o texto a ela dedicado fala de uma experiência de leitura que retoma desde questões da retórica antiga, até reflexões sobre a intimidade e subjetividade do período moderno. Ao fazer isso, ela revela que a poesia lírica é um campo privilegiado para a verificação da historização poética.

José Batista de Sales (UFMS) estuda o poema narrativo de Mário de Andrade, na comparação com os poemas narrativos contemporâneos, em suas características temáticas e formais, contrapondo as produções e a tradição do gênero na literatura brasileira. Também de um gênero é a comparação que faz Maria Cristina Batalha (UERJ), quando estuda o conto “Os canibais” de Álvaro do Carvalho – só que desta vez o gênero é o fantástico/frenético e a tradição é a da literatura portuguesa.

No artigo seguinte, de Marta Yumi Ando (UNESP-S.J.Rio Preto), a comparação entre as narrativas *Fazendo Ana Paz* (1991) e *Retratos de Carolina* (2002) de Lygia Bojunga, aborda os modos como a autora incorpora a materialização da autoria implícita, ou seja, a projeção da categoria autoral no universo diegético, instaurando, assim, um jogo mimético entre realidade e ficção.

O artigo de Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista (UNICAMP) propõe reverter a ideia de ter havido uma influência unilateral de Blaise Cendrars sobre o modernismo brasileiro. Segundo o autor, ao contrário da versão defendida por muitos críticos de que os brasileiros são devedores do mestre europeu, propõe-se uma relação de influências recíprocas, sugerindo um trabalho em conjunto, que se pode verificar em três obras: os livros de poemas *Feuilles de route*, de Blaise Cendrars, de 1924; *Poesia Pau Brasil*, de Oswald de Andrade, de 1925; e a exposição de Tarsila do Amaral realizada em 1926 na Galerie Percier, em Paris.

Tendo em vista a comparação entre linguagens diferentes – verbal e fotográfica – e em gêneros distintos – ensaio e conto –, Fernanda Andrade Nascimento Alves (UNICAMP) põe em diálogo dois textos de cunho ensaístico, “Algunos aspectos del cuento” e “Ventanas a lo insólito”, e dois contos, “Las babas del diablo” e “Apocalipsis de Solentiname”, todos de Cortázar, para verificar como a fotografia permite a abertura a uma realidade insólita, que se vê referenciada metalinguisticamente. A fotografia assume parâmetros diferentes para pensar o ato de escrever/narrar, conforme no ensaio ou no conto ficcional.

A seção Varia do volume reúne três artigos que abordam questões pontuais da obra literária. O artigo de Ivair Carlos Castelan (USP) analisa a importância da escrita na composição das memórias do narrador-protagonista do romance italiano, *A consciência de Zeno*, escrito por Italo Svevo e publicado no ano de 1923. À luz das teorias, principalmente, de Matteo Palumbo, Teresa de Lauretis e Giacomo Debenedetti, o autor mostra como o ato de escrever, inerente à narrativa, é fundamental para a construção e compreensão do narrador, Zeno Cosini, que necessita da escrita para legitimar sua existência.

Bruno Focas Vieira Machado (UFMG), investiga a concepção de língua na ótica de Guimarães Rosa como veículo de expressão individual, singular, próprio de cada sujeito unitário. Em decorrência disso surgem, na obra de Rosa os neologismos, palavras aglutinadas, alteração de sentido provocada por homofonia e sons do universo sertanejo. A discussão desses aspectos linguísticos ampara-se em teorias da Psicanálise.

O artigo seguinte, de Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (UEM), trata da análise de uma obra de Jean-Paul Sartre, definida como “narrativa viática” ou “narrativa de viagens”, que reúne uma série de reportagens sobre os Estados Unidos da América no início do ano de 1945, escritas a partir da experiência de Sartre como correspondente naquele país. O paradoxo exposto pelo artigo interroga a relação entre o gênero desta obra, que, por definição, sublinha a alteridade – seja uma cultura estrangeira ou, simplesmente, uma paisagem desconhecida – no conjunto das obras do autor, conhecido justamente pela frase “o inferno são os outros”.

Na seção Resenhas, o volume reúne a notícia da publicação recente de três obras diferentes. A primeira, de Amanda da Silva (UEFS), fala sobre a obra *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas* de Roland Walter, lançada pela Coleção Letras do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco e publicada pela Editora Bagaço de Recife, em 2009. Nesta obra, que analisa aspectos da formação escravagista dos países americanos, o autor trata da obra de escritores que escolheram escrever a história dos negros, sob vários pontos de vista, a partir de lugares diversos, mas, todos, com uma aguda consciência da importância da resistência discursiva.

É também sobre a resistência, desta vez do livro impresso, que trata a segunda resenha, de Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP-Araraquara), sobre a tradução do livro *A memória vegetal* de Umberto Eco, feita por Joana Angélica D'Avila e publicada pela Record em 2010. Publicado originalmente na Itália, em 2006, com o título *La Memoria Vegetale e altri scritti di bibliofilia*, a obra de Eco reúne conferências ministradas pelo mundo, ensaios inéditos, além de pequenas incursões ficcionais. Com o tema da bibliofilia, o autor vai, mais uma vez, declamar seu amor aos livros, impressos ou eletrônicos, recentes ou raros, de literatura ou de ensaios acadêmicos, reforçando sua fé no conhecimento propiciado por eles, enquanto depositários da memória humana.

A última resenha deste volume, feita por Patrícia Peterle (UFSC) dá notícia da recente edição de 2008 da obra de José Cardoso Pires, *Balada da Praia dos cães*, publicada pela editora Dom Quixote de Lisboa. A primeira edição do romance é de 1982, tendo saído no ano seguinte no Brasil, editado pela Civilização Brasileira. Desde o lançamento, a obra provoca os leitores pelos múltiplos planos e vozes que se organizam para construir uma narrativa, aparentemente policial, que trata fundamentalmente da liberdade de falar, de contar, mais que uma história, a História recente de Portugal.

*Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan*  
*Karin Volobuef*